
Algumas considerações sobre as afinidades entre a estética marxista e a redução estrutural de Antonio Candido

Some Considerations on the Affinities Between Marxist Aesthetics and the Structural Reduction of Antonio Candido

Autoria: Vinícius Victor Barros

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3342-3312>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9445180194072983>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2024.221572>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/221572>

Recebido em: 24/01/2024. Aprovado em: 11/05/2024.

Editores responsáveis: Murillo Clementino de Araujo e Bruna Martins Coradini.

Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira

São Paulo, ano 13, n. 24, jan./jun., 2024. E-ISSN: 2525-8133

Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>. Contato: opiniaes@usp.br

 [fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes)

 [@revista.opiniaes](https://www.instagram.com/@revista.opiniaes)

 <https://usp-br.academia.edu/opiniaes>

Como citar (ABNT)

BARROS, Vinícius Victor. Algumas considerações sobre as afinidades entre a estética marxista e a redução estrutural de Antonio Candido. *Opiniões*, São Paulo, ano 13, n. 24, jan./jun., pp. 202-218, 2024. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/221572>. DOI:

<https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2024.221572>. Acesso em: XX mês. 20XX.



Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)

Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais.

A revista *Opiniões* não se responsabiliza por opiniões, ideias e conceitos emitidos pelos autores dos textos, assim como por conflitos de interesse entre autores, financiadores, patrocinadores e outros eventualmente envolvidos e/ou citados nos textos. Os autores asseguram que o artigo não viola direitos autorais e que não há plágio no trabalho, responsabilizando-se pela utilização de fotos, imagens, remissões e traduções, entre outros materiais.


algumas considerações sobre as afinidades entre a estética marxista e a redução estrutural de antonio candido

Some Considerations on the Affinities Between Marxist Aesthetics and the Structural Reduction of Antonio Candido

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2024.221572>

Vinícius Victor Barros¹

Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO, Brasil.

 <https://orcid.org/0000-0002-3342-3312>

 <http://lattes.cnpq.br/9445180194072983>.

 victorbarros.adm@gmail.com

¹ Vinícius Victor Barros é doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás.

Resumo

Este artigo almeja discutir a noção de redução estrutural proposta por Antonio Candido a partir do que se defende como uma profícua aproximação com o materialismo histórico-dialético, que rege a estética marxista. Com esse objetivo em mente, procura-se estabelecer aproximações coerentes entre determinados momentos da obra do crítico, nos quais a redução estrutural é delineada de alguma maneira, e o pensamento de autores basilares da tradição, como Marx, Engels, Lukács, dentre outros. Ao revisitar tais afinidades, busca-se compreender a noção candidiana como processo de mediação estética da realidade objetiva e dos processos socio-históricos humanos. Por fim, mencionam-se algumas interpretações equivocadas das bases teóricas que sustentam a redução estrutural, além de aventar hipóteses que justifiquem tais leituras redutoras.

Palavras-chave

Antonio Candido. Redução estrutural. Estética marxista. Marx. Lukács.

Abstract

This article aims to discuss the notion of structural reduction proposed by Antonio Candido based on what is argued to be a fruitful approach to historical-dialectical materialism, which governs Marxist aesthetics. With this objective in mind, it seeks to establish coherent connections between certain moments in the critic's work, where structural reduction is outlined in some way, and the thoughts of foundational authors in the tradition, such as Marx, Engels, Lukács, among others. By revisiting these affinities, the goal is to understand Candido's notion as a process of aesthetic mediation of objective reality and human socio-historical processes. Finally, some misinterpretations of the theoretical foundations supporting structural reduction are mentioned, along with hypotheses that justify such reductive readings.

Keywords

Antonio Candido. Structural reduction. Marxist aesthetics. Marx. Lukács.

introdução

Na produção intelectual de Antonio Candido tem lugar de destaque a noção de redução estrutural para a análise dos textos literários. No ensaio “Crítica e sociologia”, de 1965, capítulo abre-alas de *Literatura e sociedade* (1965), o autor já delineava o cerne desse princípio metodológico que visava, em linhas gerais, compreender os caminhos pelos quais os elementos tidos como externos às obras poderiam ser internalizados em estruturas literárias. Posto de outro modo, nas palavras do próprio Candido (2000b, p. 6, grifo do autor): “o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno”. Nesta breve, porém substantiva passagem, pode-se sublinhar os contornos daquilo que, anos mais tarde, se tornaria a importantíssima noção de redução estrutural. Estes tênues contornos surgem no horizonte de nosso autor a partir de uma das raras, porém sempre cuidadosas, menções diretas ao pensamento estético de Georg Lukács, mais especificamente à obra de juventude do autor magiar, *Zur Soziologie des modernen Dramas*, de 1914.² Para o crítico brasileiro, o núcleo do problema ali abordado poderia ser resumido na indagação lukacsiana acerca da qualidade e da importância dos elementos sócio-históricos para a composição das estruturas sob as quais se assentam as obras literárias. Quer dizer, seriam tais elementos concretos e objetivos uma questão de indispensável necessidade ou de mera possibilidade para a estrutura em si? Isso é, se, de fato, esses elementos são importantes, em que medida eles seriam necessários para a composição? Ou, pelo contrário, se não são necessariamente determinantes, seriam eles apenas possibilidades de realização do valor estético das obras? (Lukács, 1961, p. 262 apud Candido, 2000b, p. 6, grifo nosso).

No prefácio de *O discurso e a cidade* (1993) a redução estrutural aparece conceituada como: “o processo por cujo intermédio a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária, permitindo que esta seja estudada por si mesma, como algo autônomo” (Candido, 2010a, p. 9). A essa ideia, cujos desdobramentos serão enormes para a crítica brasileira, acrescentamos que tal autonomia da estrutura é apenas relativa uma vez que, partindo da inescapável objetividade do mundo real em que se realiza, o artista elabora, via trabalho estético, um mundo novo cujas leis são capazes de fazer sentir melhor a própria realidade originária inspiradora. Como bem observa Hermenegildo Bastos (2016, p. 15), estaria contido nessa relação certo entendimento de processo, de movimento, de “vir a ser” ou de “tornar-se” algo novo que se difere da realidade primeira que porventura serviu ao artista como ponto de partida, ao mesmo tempo que a ela se liga de modo indissociável. Sob essa

² As opiniões de Candido sobre Lukács, bem como sobre a estética marxista em geral, não raro, podem soar como contraditórias. Em entrevista, quando questionado acerca das suas fontes e influências teóricas, o crítico brasileiro afirma: “nunca adotei a crítica marxista, acho a crítica de Lukács, como crítica, lamentável. [...] Agora, Lukács como teórico, é extraordinário” (Candido, 1997, p. 17). Entretanto, na mesma entrevista, logo adiante ele reformula: “minha ambição foi sempre fazer uma certa coisa e depois eu a vi bem formulada no Lukács” (Candido, 1997, pp. 20-21). De fato, como o presente trabalho pretende esclarecer, por parte de Candido nunca houve uma adesão irrestrita aos postulados da crítica estética marxista, ao passo que, tampouco, houve qualquer tipo de negação quanto às influências da mesma em sua obra. Daí, a ampla necessidade de identificarmos os elos evidentes dessa dinâmica, como relações de “afinidades eletivas”.

perspectiva, como nos mostra Candido (2000b, p. 13), a presença da realidade na arte, ou seja, a *mimese*, atuaria sempre como uma forma de *poiese*. Isso significa, em outras palavras, que o esforço de elaboração estética não deve ser compreendido, de forma alguma, apenas como imitação passiva, determinada e mecânica da objetividade concreta e dos processos humanos imediatos; na verdade, deve ser encarada como um complexo exercício de criação mediada de um mundo à parte, porém, dotado de leis e características próprias que podem e devem ser avaliadas por si mesmas. A imaginação poética subjetiva, portanto, antes torna a realidade inteligível do que a elimina do processo estético.

i.

Ao propor um caminho de análise literária situado nas antípodas da reprodução fotográfica da realidade, Antonio Candido trouxe ares novos ao abafado ambiente da crítica brasileira que se encontrava à época imerso em perspectivas teóricas essencialmente deterministas, como o formalismo linguístico, o sociologismo, o estruturalismo e o marxismo vulgar. Esse aspecto de renovação intelectual foi observado argutamente por José Guilherme Merquior, que afirmou:

Não ignoro que o exemplo da obra e do ensino de Antonio Candido foi talvez o principal antídoto contra a estruturalice (e agora, as pós-estruturalices) nos nossos estudos de letras. Graças, em grande parte, ao seu influxo, a nova crítica brasileira esteve longe de sucumbir totalmente à hipnose formalista (Merquior, 1970, p. 122).

A preocupação com essa nova possibilidade pode ser observada, por exemplo, no prefácio à terceira edição de *Literatura e sociedade*, em 1972; ocasião em que Candido (2000a, pp. 1-2) afirma ter pretendido evitar o usual ponto de vista paralelístico que consistia, essencialmente, em “mostrar, de um lado, os aspectos sociais e, de outro, a sua ocorrência nas obras, sem chegar ao conhecimento de uma efetiva interpenetração”. Tal passo está presente também nas linhas de “Dialética da malandragem” (1970), oportunidade em que a noção de redução estrutural, que comanda a análise do ponto de vista do método, atua na percepção da realidade historicamente localizada do romance de Manuel Antônio de Almeida em função de seus aspectos estruturantes. Desse modo, Candido não toma os aspectos objetivos apenas como detalhes externos e pitorescos referentes aos planos mais imediatos da obra; tampouco os lê como algo exclusivo do processo interno de composição formal; na verdade, tais aspectos são abordados enquanto facetas dialeticamente inerentes às duas ordens de análise que se complementam e oferecem certa perspectiva de totalidade do objeto literário.

A partir desse ângulo de análise, Candido (2010b) demonstra que *Memórias de um sargento de milícias* (1854) não deveria ser compreendido estritamente como documento de época ou como compêndio dos costumes fluminenses do século XIX – embora esteja evidente o solo socio-histórico sobre o qual repousa a obra. O romance deveria ser tomado, isso sim, enquanto esforço criativo no qual aspectos específicos da realidade foram, de alguma maneira,

habilmente organizados e mediados esteticamente por seu autor. Ao se evitar a simples interpretação documentária, evita-se ainda a ancoragem do livro em um tempo ou situação específicas. Com efeito, promove-se certa visada crítica capaz de considerar a relevante possibilidade de que os receptores da obra não apenas podem se ver diretamente envolvidos com a trama e a realidade artisticamente configuradas, como também considera que eles, de algum modo, sejam capazes de tomar as experiências estéticas ali proporcionadas como particularmente suas. Por esse ângulo, levando em conta a atuação conjunta dos elementos internos e externos na estrutura da obra, Candido (2010b) identifica um sinuoso e representativo movimento de sociabilidade cuja principal característica consistia na capacidade de um estrato específico de personagens (os homens pobres e livres) em oscilar, sem grandes pudores ou consequências, entre as instâncias da norma e da transgressão. Tal lógica dialética da ordem e desordem, além de compor a base estrutural das *Memórias*, permitirá ainda que Candido promova uma aproximação importante entre a realidade esteticamente configurada e os decursos socio-históricos brasileiros. Desse modo, literatura e sociedade não apenas interagem como se iluminam reciprocamente no ato crítico.

A proposta de redução estrutural, nesse sentido, define o método de análise capaz de iluminar o espaço profundo em que a literatura e a sociedade se tocam, se confundem e, ao mesmo tempo, se diferenciam. Neste processo a pedra de toque é, essencialmente, o trabalho estético, a imaginação e a vivência do artista que se dão em relação de proximidade com os dados objetivos que, direta ou indiretamente, lhe circundam e influenciam. Quer dizer, a redução da infinidade de aspectos externos, de acordo com a perspectiva proposta por Candido (2010b), refere-se ao processo de *intensificação* e *articulação* interna, ou seja, de formalização dos elementos sociais, históricos, filosóficos, psicológicos etc., em uma determinada estrutura literária coerente e capaz de transmitir sentido.

Se, conforme sublinhou Roberto Schwarz (1987), no âmbito da crítica e da teoria literária brasileira o afastamento das noções deterministas de reprodução artística da realidade, iluminada pela noção candidiana de redução estrutural, significou uma inovação em muitas frentes; na Europa, a questão já era mais ou menos considerada e debatida, no mínimo, desde a antiguidade clássica com os estudos de Aristóteles. É só a partir da segunda metade do século XIX, entretanto, que se começa a delinear as primeiras formulações estéticas efetivamente fundadas em observância com possíveis influências advindas da objetividade real. No âmbito específico do marxismo, essa preocupação se tornará uma disciplina do pensamento perpassada por um sem-número de polêmicas e embates que não cabem aqui serem individualmente retomadas. Todavia, em linhas gerais, compreende-se que, na filosofia do materialismo histórico dialético, a arte figura como a tomada de consciência acerca dos objetos do mundo sob a forma cognitivo-representativa. Tal concepção é possível de ser identificada a partir das questões iniciais que os próprios fundadores da tradição, Karl Marx e Friedrich Engels, colocaram acerca da essência estética da arte, da sua relação em torno da natureza e do significado das modalidades características desta forma específica de representação da realidade objetiva.³

³ Conforme Guido Oldrini (2019, pp. 43-44) deixa claro acerca da teoria estética, “em Marx e Engels faltam o desenvolvimento, não os princípios. Não se trata neles apenas de exemplos ou referências ou enfoques desconexos, mas de um tecido coerente de argumentações”.

A preocupação acerca dos meandros da intensificação artística da realidade permanecerá objeto de eminente interesse para vários outros pensadores da tradição marxista. Nomes importantes como Karl Kautsky, Gueorgui Plekhanov e Franz Mehring foram os responsáveis pela continuação e desenvolvimento dos postulados estéticos apenas aventados por Marx e Engels. Dentre esses próceres, têm lugar de destaque os trabalhos de Georg Lukács (1966a, pp. 21-22, tradução nossa), para quem, em sua monumental *Estética* (1963), a infinidade intensiva e extensiva do mundo objetivo impõe a todos os seres vivos “uma adaptação, uma seleção inconsciente no reflexo”. Esta seleção”, continua o esteta magiar, “sem prejuízo de seu caráter, fundamentalmente objetivo”, possui um “componente subjetivo impossível de eliminar”, a qual está condicionada ao homem de modo social (Lukács, 1966a, p. 22, tradução nossa). Nota-se, portanto, a consonância dessa perspectiva, que pretende unir objetividade e subjetividade estéticas, com o referido juízo de Candido (2000b, p. 13) acerca da indissociável relação entre *mimese* e *poiese* no ato de elaboração artística. De maneira muito próxima, para ambos os críticos, a seleção de aspectos objetivos no ato de redução, mediação e reprodução artística do mundo, tem a ver tanto com o trabalho de enriquecimento e aprofundamento das capacidades humanas coletivas em se apropriar da realidade em que se inserem (através do trabalho e da reflexão), quanto do caráter subjetivo e individual em que cada escritor lida, interpreta ou pressente as questões de seu próprio *hic et nunc*.

Conforme Lukács (1966b) bem nota a partir dos princípios da teoria do reflexo elaborada por Lênin em seus *Cadernos filosóficos* (1932), é impossível compreender, reconfigurar ou reproduzir, quer seja cientificamente, quer seja artisticamente, toda a complexidade objetiva da realidade. O máximo que nos é permitido alcançar enquanto humanos limitados é a trabalhosa elaboração de conceitos, abstrações, formulações, leis e sistemas que se aproximam, nunca de maneira exata, desse ou daquele aspecto objetivo mais ou menos latente. Sendo assim, tanto na ciência, quanto na arte, a interação humana com a realidade ocorre via seleção, redução e mediação de impressões sensíveis, limitadas e intensificadas. Tal interação pode ocorrer de maneira consciente, mediada e altamente elaborada, a exemplo da composição de um quadro ou de um poema, como também pode ocorrer, o que é ainda mais comum, de maneira absolutamente inconsciente, imediata e instintiva. A respeito dessa última, Lukács (1966b) oferece como exemplo a natural e involuntária reação a um determinado objeto porventura arremessado em direção aos nossos olhos; de modo que não há espaço de tempo para que se reflita sobre a natureza da ação perpetrada, simplesmente se reage mecanicamente a ela.

Todavia, especificamente no âmbito da arte, o caráter subjetivo da redução e da mediação da realidade objetiva exige uma relação tal que não se impõem sempre de modo tão espontâneo e instintivo como no exemplo lukacsiano acima. Muitas vezes, ainda que inconscientemente, a seleção dos aspectos reais a serem elaborados esteticamente se relaciona com resultados prévios oriundos da “recolecção de experiências, da fixação de reflexos condicionados etc.”, já concebidos no decorrer dos mais variados processos da convivência social humana ao longo da história (Lukács, 1966b, pp. 13-14, tradução nossa). Logo, como põe em evidência Alexandre Cheptulin (2004, p. 267), no mundo real não existe nenhuma forma de representação notadamente pura, quer dizer, “todo sistema

relativamente estável de ligações, é um sistema de ligação desses ou daqueles elementos da realidade objetiva” condicionados em uma estrutura também relativamente estável dos processos materiais. Desse modo, no trabalho de formalização interna dos elementos externos à que estamos nos referindo, as ligações objetivas e subjetivas são tomadas, a partir da totalidade de determinada estrutura literária, em clara disposição dialética. Ou seja, nessa dinâmica não existe qualquer tipo de subordinação programática entre as determinações concretas e as criativas; fato que não exclui, entretanto, a possibilidade de certo predomínio de uma instância sobre a outra, a depender do objetivo e do talento do artista. Tal perspectiva demonstra que, embora evidentemente existam gênios da raça capazes de enxergar horizontes mais distantes a partir de suas atalaias criativas, as bases dessas estruturas subjetivas não pairam em qualquer espécie de vácuo das relações coletivas ou mesmo na simples inspiração individual. Na verdade, todo ato criativo está fundamentalmente assentado sobre a concretude das inevitáveis e dinâmicas circunstâncias sócio-históricas que cercam o artista.

ii.

Isso posto, compreende-se que a noção de redução estrutural candidiana considera arte e sociedade enquanto totalidades específicas e relativamente independentes; entretanto, no ato próprio da elaboração estética, ocasião em que ambas as totalidades se cruzam, se confundem e se diferenciam, o que sobressai é uma relação dinâmica de caráter essencialmente dialético. Em outras palavras, para Candido, o texto literário deve ser tomado com uma totalidade em si, porém não se trata de algo hermeticamente fechado e isolado de qualquer outra determinação, mas de uma totalidade notadamente articulada no âmbito de algo ainda mais elaborado e complexo que são os processos sócio-históricos humanos. Tais vínculos entre totalidades de naturezas distintas, sejam elas simples ou complexas, artísticas ou sociais, constituem a verdade mais profunda da tradição marxista. Quer dizer, o materialismo histórico e dialético, cerne do marxismo e, portanto, das suas investigações estéticas, não admite que as formas de objetividade, isso é, das categorias correspondentes aos objetos do mundo e às suas relações e representações, sejam produtos exclusivos de uma determinada consciência soberana e absoluta que acredita em uma espécie de autocriação do homem rumo um ideal de espírito ou de beleza - como o fazem, por exemplo, as perspectivas de Hegel e Kant. Pelo contrário, no âmbito da arte, o marxismo vê na relação dialética entre as formas de totalidade um sem-número de possibilidades de representações e apreensões da própria realidade objetiva concebida sob o crivo da criação e do trabalho estético.

Nessa perspectiva, para o marxismo, qualquer aspecto da realidade, ao ser representado, reduzido e mediado artisticamente, deve ocorrer no contexto de um processo que seja, simultaneamente, formalmente unitário em suas próprias contradições e eminentemente concreto. Afinal, lembremos, com Marx, que o concreto é ele próprio síntese e culminância de um elaborado processo:

O concreto é concreto por ser a síntese de múltiplas determinações, logo, unidade da diversidade. É por isso que ele

é para o pensamento um processo de síntese, um resultado, e não ponto de partida, apesar de ser o verdadeiro ponto de partida e, portanto, igualmente o ponto de partida da observação imediata e da representação. O primeiro passo reduziu a plenitude da representação a uma determinação abstrata; pelo segundo, as determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto pela via do pensamento (Marx, 2007, pp. 256-257).

O que Marx (2007) contrasta aqui é, de modo geral, duas formas distintas de apreensão e representação da realidade a partir da atividade do sujeito no processo gnosiológico. A primeira, de fundo idealista hegeliano, não concebe o esforço de conhecimento como processo real de apropriação do mundo real por parte da consciência de sujeitos reais. Quer dizer, a história concreta de toda a humanidade só interessa enquanto ocasião, caminho ou etapa a ser superada em direção a um desenvolvimento posterior de um plano predeterminado que Hegel chamou de Ideia Absoluta. Sendo assim, o sujeito do conhecimento não é o homem concreto, com suas atividades práticas e materiais, desejos e necessidades, vícios e virtudes; mas uma consciência abstrata e idealizada. No sentido contrário, a segunda forma de apreensão da realidade proposta por Marx (2007), entende que a humanidade não se afirma no mundo e na história de acordo com qualquer plano preestabelecido ou razão transcendente, mas por uma série de contingências históricas, materiais e altamente dinâmicas. Desse ângulo, não são as determinações concretas que caminham rumo a ideia, mas a ideia que atua enquanto elemento essencial dos processos de apreensão e representação (na qual se inclui a arte) das determinações concretas humanas.

Observa-se, então, que o esquema histórico de Hegel está subordinado a uma lógica apriorística aviltada dos sentidos e da materialidade, o que influenciará substancialmente na maneira como a arte passa a ser compreendida e interpretada por esse enfoque. De acordo com o que sublinha Lukács (1966a, pp. 12-14, tradução nossa), o “universalismo filosófico da estética hegeliana” e “seu modo histórico-sistemático de sintetizar as categorias”, é sempre exemplar para qualquer abordagem estética; ainda que pese em seu desfavor o mencionado intuito em capturar a essência da realidade e, ao mesmo tempo, deduzi-la a partir do desdobramento interno pouco palpável da ideia. Todavia, para o esteta magiar, é somente com o materialismo histórico dialético que a noção de um reflexo mecânico e fotográfico da realidade na arte é efetivamente superado. Afinal, vale reforçar, como o próprio nome indica, a tradição idealista, sobre o qual se assenta a estética de Hegel, considera todas as formas de consciência, entre elas a da arte, como hierarquicamente estabelecidas em conexão com o mundo metafísico e ideal das ideias. Além disso, tal tradição de pensamento tende a conceber as categorias de interpretação da realidade como possuidoras de uma essência supratemporal, eterna e imutável.⁴ Algo que se distancia, em muito, do horizonte do materialismo

⁴ É importante ressaltar que forma de consciência, ou "consciência em si e para si", constitui uma categoria fundamental de toda a filosofia hegeliana; ela se refere ao processo pelo qual a mente humana tem que passar a fim de alcançar a compreensão do mundo e de si mesma. Em sua obra magna, a *Fenomenologia do espírito* (1807), Hegel descreve essas formas de consciência como "autoconhecimento" e "conhecimento do mundo", que são interdependentes e se desenvolvem juntas rumo a Ideia Absoluta. Para o filósofo alemão, a consciência é sempre um processo em andamento,

dialético que, além de considerar as categorias de conhecimento e representação do mundo a partir do crivo do tratamento e dos processos históricos, ainda compreende na “universalidade do reflexo da realidade, o fundamento de todas as interações do homem com seu entorno” (Lukács, 1966a, pp. 22-23, tradução nossa). Ou seja, como Marx e Engels (2007, p. 94) nos alertam n’*A ideologia alemã* (1932), em vez de partimos do céu para a terra, isso é, de dogmas ou especulações pouco palpáveis, frutos da ideia e da consciência, é necessário partir do real, do efetivamente existente, do empiricamente verificável, enfim, da terra para o céu.⁵

A estética de inspiração marxista compreende que a realidade objetiva, que se manifesta nos mais diversos modos de reflexo da consciência artística, está submetida ao movimento e à alteração ininterrupta, a depender a influência ativa humana. Ainda segundo Lukács (1966a, p. 23, tradução nossa), “a realidade mesma é histórica segundo a sua essência objetiva”, dessa maneira, na arte, “as determinações históricas, de conteúdo e forma” são aproximações mais ou menos adequadas a esse ou aquele aspecto da realidade com que se relaciona. Na noção de redução estrutural candidiana essa ideia de dinamicidade histórica da realidade e de suas representações aproximadas é importante e inescapável. Conforme mencionado, a relativa autonomia da estrutura literária, sobre a qual as análises de Candido se debruçam, só pode ser efetivamente considerada quando compreendida como a síntese momentânea de certas determinações socio-históricas trabalhadas esteticamente tanto ao nível da forma, quanto do conteúdo. Essas determinações, porém, são lidas pelo crítico a partir da aproximação com o ângulo do materialismo histórico dialético, o que significa tomar os processos da realidade não como sequências lineares de fatos perfeitamente encadeados e em relação harmônica de causa e efeito; mas como um complexo novelo de eventos e circunstâncias mais ou menos contraditórias a partir do qual determinados fios são selecionados, pinçados e articulados no tear da composição artística.

iii.

No conjunto do pensamento de Antonio Candido, tal perspectiva dialética e materialista dos processos socio-históricos inerentes à análise da composição literária, não constitui necessariamente uma novidade ocasionada pela noção de redução estrutural. Na verdade, trata-se de uma preocupação presente, em maior ou

e nunca uma realização final - daí a importantíssima compreensão do aspecto ativo do conhecimento humano. Na *Estética* (1835), especificamente, Hegel explora a relação entre a arte e a consciência argumentando que a arte é uma forma de expressão humana que reflete e molda a maneira como a nossa própria mente percebe o mundo. Nesse sentido, no esquema lógico hegeliano a arte aparece como mera expressão de um estágio já superado da consciência humana em seu caminho rumo a racionalidade absoluta.

⁵ Vale a pena retomarmos a citação completa: “Inteiramente ao contrário do que ocorre na filosofia alemã, que desce do céu à terra, aqui se ascende da terra ao céu. [...] Não é a consciência que determina a vida, mas a vida é que determina a consciência. No primeiro modo de consideração, parte-se da consciência como se ela fora um indivíduo vivo; no segundo, que corresponde à vida real, parte-se do indivíduo vivo e real e considera-se a consciência como sua consciência [...]. E logo que se expõe este processo ativo de vida, a história deixa de ser uma coleção de fatos mortos, tal como se apresenta aos empiristas – que, ademais, são abstratos –, ou uma ação imaginária de sujeitos imaginários, como para os idealistas” (Marx; Engels, 2007, p. 94).

menor intensidade, em diversos momentos da obra do crítico. Uma dessas ocasiões pode ser observada, ainda que de modo bastante tênue, nas páginas de *Formação da literatura brasileira* (1959), obra em que, segundo Roberto Schwarz (1999b, p. 60), Candido soube combinar a “pesquisa da historicidade entranhada nas estruturas” e a “disciplina estrutural dos andamentos históricos”.⁶ No livro, salta aos olhos o fato de que o seu andamento é ditado por um esforço de sistematização de correspondências entre os mais diversos escritores brasileiros, que, no afã de construir uma literatura nacional, apresentavam interesses, visões de mundo, poéticas e talentos desiguais. A partir desse norte, Candido organiza uma rede de confluências que se constitui no sentido do significado específico de cada autor e/ou obra em relação ao seu público e contexto de publicação. Assim, pode-se pensar em uma espécie de tripé capaz de sustentar aquilo que o crítico chama em certo momento de *sistema literário* nacional.

Na tentativa de focalizar simultaneamente as obras literárias analisadas como totalidades estéticas mais ou menos autônomas, porém, de algum modo, articuladas com os contextos de suas produções, Antonio Candido (2014, pp. 31-32) afirma ser necessário uma perspectiva crítica capaz de ver “na realidade um universo de fatos que se propõem e logo se contradizem, resolvendo-se na coerência transitória de uma unidade que sublima as duas etapas, em equilíbrio instável”. Nesse sentido, quanto ao método de abordagem que impera na *Formação* (1959), não é difícil atestar que se trata de um ângulo eminente do materialismo histórico dialético, uma vez que todo o sistema literário proposto por Candido é dimensionado a partir das condições objetivas da realidade brasileira durante o período estudado (1750 e 1880) e que de alguma maneira influenciou na composição formal de nossos próceres. Trata-se, pois, de uma compreensão dinâmica da atividade humana criadora, lida sob a forma de uma totalidade estruturada capaz de abarcar, em sua contínua e incessante transformação, as contradições inerentes ao seu próprio desenvolvimento, que não é linear ou mesmo processual. Ou seja, em seu estudo Candido lida com uma perspectiva dos processos sociais e históricos cujas raízes profundas, conforme mencionamos, passam pela tradição marxista e se plantam na dialética hegeliana.

Embora o autor não anuncie, fazendo jus à sua descrição metodológica, o livro de 1959 alcança a formação do sistema literário nacional a partir de uma visada dialética que considera a substancial relação entre os aspectos formais e os conteúdos sócio-históricos dos objetos estéticos. Não cabe aqui determo-nos longamente sobre os vários momentos em que essa dialética efetivamente se realiza. Basta lembrarmos, por exemplo, das páginas dedicadas à poesia lírica de Cláudio Manuel da Costa; oportunidade em que Candido identifica uma vereda da expressão artística brasileira ao detalhar a particularidade de um experimento estético que consistia na adaptação de modelos formais estrangeiros para exprimir nossa realidade local.⁷ A partir desse ângulo de abordagem, após uma leitura atenta da

⁶ Sobre esse ângulo de análise, Roberto Schwarz (1999b, p. 60) coloca a *Formação* de Antonio Candido em pé de igualdade com um clássico do pensamento marxista, ao afirmar que: “a *Crítica da razão dialética*, de Sartre, publicada pouco depois [em 1960], fazia dessa combinação [disciplina estrutural e andamento histórico] a pedra de toque da compreensão do mundo pela esquerda”.

⁷ Estamos nos referindo especificamente à quarta parte do segundo capítulo de *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos 1750-1880* (1959), intitulada “No limiar do novo estilo: Cláudio Manuel da Costa”. Nesse mesmo contexto, no qual a análise estética se combina com a

poesia do autor, o crítico destaca a existência de uma contradição fundamental entre a cultura europeia, que de algum modo inspirava sua produção estética, e a caótica organização da nossa sociedade à época, da qual o advogado mineiro não podia e não queria alhear-se. Nas palavras de Candido (2014, p. 92), a poesia de Cláudio Manuel da Costa atestava “o esforço de exprimir no plano da arte, e dentro dos moldes cultos, a realidade, os problemas de sua terra”. Dessa maneira, tanto do ponto de vista contextual quanto formal, a contradição identificada é objetiva e determinada, uma vez que ela já estava colocada no universo imediato do Brasil Colônia. Tal fato justificaria a possibilidade de tomar os versos do poeta como uma importante chave de compreensão e interpretação do período em que foi realizada.

Além de renovar os juízos sobre a obra de Cláudio Manuel da Costa, indicando o que ela representou de novidade e importância para o nosso período formativo, Candido também nos mostra uma possibilidade de método crítico em que o complexo ato da criação literária é lido a partir de uma dinâmica dialética que procura dar conta das vivências subjetivas do autor e das determinações do momento histórico ao qual pertence. Esse horizonte em que o processo socio-histórico se relaciona com a investigação estética foi bem caracterizado por Roberto Schwarz:

ao serem retrabalhadas nas circunstâncias locais, [as] tendências e escolas passam por transformações que dizem algo a respeito das circunstâncias mudadas, e também algo a respeito delas mesmas, não devendo ser encaradas segundo o modelo normativo do erro ou da descaracterização. Algo terá sido engendrado, e se tiver perfil definido, com desdobramentos interessantes, trará elementos de uma forma nova, ligada à organização local da vida. O crítico tem que ter tino para avaliar a parte da influência externa e a parte da determinação pelo dinamismo interno ao contexto, e sobretudo para identificar e interpretar o alcance da novidade. As escolas e as formas não dizem a mesma coisa em casa e fora de casa, onde, aliás, também podem vir a estar em casa, mas de outro modo (Schwarz, 2019, p. 193).

É necessário reforçar que o procedimento crítico que Candido movimenta ao longo da *Formação* (1959), não pretende, de maneira alguma, determinar a relação entre a escolha dos recursos formais de nossos próceres e os fatores externos que caracterizam as linhas evolutivas do processo social brasileiro. Quer dizer, trata-se de uma interação dialética que não emana apenas dos próprios objetos literários ou do ato da criação artística observada, mas que tem a ver com algo ainda mais complexo que está no cerne do materialismo histórico e na maneira como essa tradição de pensamento compreende a representação estética do nosso mundo, ou seja: o decurso dos processos humanos e seus respectivos esforços em interpretá-los coerentemente.

consideração dos processos socio-históricos, também podemos citar outros textos do livro de Antonio Candido, como “Poesia e música em Silva Alvarenga e Caldas Barbosa”, “Álvares de Azevedo, ou Ariel e Caliban”, e “Os três Alencares”.

Sobre isso, Marx nos ensina que as diretrizes dialéticas não representam apenas teorias ou métodos preconcebidos e mecanicamente aplicáveis. Elas são, na verdade, propriedades objetivas imanentes do próprio processo histórico em que nos situamos, e do qual não podemos escapar. Para Marx, as relações ou categorias desenvolvidas pela humanidade ao longo de sua existência, com o objetivo de compreender a si mesma e o mundo ao seu redor, são estruturadas primordialmente no bojo dos influxos dos processos e das criações objetivas e materiais. Isso significa que as criações humanas, a exemplo da própria literatura, não são naturais ou metafísicas, mas são elaboradas através de uma intrincada interação com o mundo material e com nossa subjetividade. Portanto, as categorias que usamos para compreender nosso universo mais imediato, bem como a maneira como nos organizamos, agimos, pensamos e sentimos, são todas construções sociais que refletem as relações materiais em que vivemos, o que contrapõem qualquer perspectiva de ordem natural ou metafísica. Nas palavras do intelectual alemão:

Seria impraticável e falso deixar as categorias econômicas sucederem-se umas às outras na sequência em que foram determinadas historicamente. A sua ordem é determinada, ao contrário, pela relação que tem entre si na moderna sociedade burguesa, e que é exatamente o inverso do que aparece como sua ordem natural ou da ordem que corresponde ao desenvolvimento histórico. Não se trata da relação que as relações econômicas assumem historicamente na sucessão de diferentes formas de sociedade e menos ainda na sua ordem na ‘ideia’ [...] Trata-se, ao contrário, de sua estruturação no interior da moderna sociedade burguesa (Marx, 2011, p. 60).

Ainda que ao longo da obra de Antonio Candido prevaleça o entendimento materialista e dialético dos processos sócio-históricos da realidade em conjunção com a análise estética, algo que se dá sempre de maneira muito mediada, atenta a reducionismos e esquematizações, e fugindo a todo e qualquer tipo de ideologismo tacanho ou nacionalismo patrioteiro; ainda assim, interpretações enviesadas surgiram na contramão do sentido proposto pelo crítico. Nas linhas de algumas leituras, a noção de redução estrutural, por exemplo, se tornou uma espécie de esteira industrial capaz de converter, sem grandes problemas ou critérios, sociedade em literatura, forma em conteúdo, realidade em ficção etc. Tal mecanização acaba depurando e descartando como impureza do processo fabril todo e qualquer resquício de dialética que sustenta a noção candiana. Em outros tantos casos, a atenção aos elementos e processos da objetividade humana, componentes basilares tanto da redução, quanto do próprio esforço de criação literária, foram tomados pelos críticos mais heterodoxos como perversões da propalada “pureza” da análise estética ou, então, como meros apêndices, curiosidades, inseridas mais ou menos ao acaso, que antes atrapalhavam do que ajudavam a explicar a composição das obras em si mesmas.

Esse caso é flagrante, por exemplo, nas interpretações de Afrânio Coutinho acerca do método empregado em *Formação da literatura brasileira* (1959), para quem Candido teria errado ao privilegiar a dimensão histórico-social em detrimento de certa análise estética cerrada das obras abordadas. Dessa maneira, para o

comentador, o ponto de vista ali defendido seria claramente “retardatário”, “atrasado” e, até mesmo, “reacionário”, uma vez que Candido ignorava o fato de que, na época abordada, já se dispunha de uma teoria da literatura brasileira constituída como campo autônomo (Coutinho, 2014, pp. 55-74). Em sentido próximo, Haroldo de Campos é outro crítico da concepção histórica e dialética candiana. Para ele, as noções movimentadas pelo autor seriam “metafísicas”, “retilíneas”, “evolutivas”, “organicistas”, “substancialistas”, “animistas” e “teleológicas” (Campos, 1989, pp. 12-36). Todavia, apesar da indiscutível envergadura intelectual da dupla, a concepção de história a qual ambos acusam Candido de tentar impor, é uma noção completamente dura, artificial e, em resumo, adialética. Noutras palavras, ambos os críticos parecem argumentar no sentido de que o fenômeno altamente complexo e subjetivo da criação literária devesse se esgotar em si mesmo, de modo que qualquer elo ou referência aos elementos externos, neste caso os processos sócio-históricos, representariam algo como deturpação ou risco à integridade da análise, fadada ao mero estudo formal, e do próprio objeto artístico, isolado hermeticamente das relações humanas. Trata-se, obviamente de um estreitamento metodológico dramático jamais compartilhado por Antonio Candido.

Ainda nesta seara das interpretações adialéticas, por assim dizer, podemos adicionar os comentários de Luiz Costa Lima, para quem existiam dois Antonio Candidos completamente distintos entre si, a saber: o Candido-historiador e o Candido-crítico. Para o autor, especialmente em *Formação*, a figura do primeiro Candido sobressaía e constrangia a atuação do segundo, uma vez que os elementos sócio-históricos figurariam no estudo apenas como meras descrições, e não como chaves efetivas de interpretação e análise literária. Muito próximo às objeções levantadas por Afrânio Coutinho e Haroldo de Campos, Costa Lima (1991, pp. 154-166) entende que a preocupação de Candido com os elementos contextuais não só neutralizaria a reflexão e a análise propriamente crítica das produções literárias, como ainda resultaria em certa concepção de forma literária completamente desvinculada dos processos materiais concretos e objetivos.

Entretanto, acreditamos se tratar do exato oposto, afinal, embora não se debruce especificamente sobre as minúcias do tema, a noção de forma literária com a qual Candido lida está sempre em intrínseca relação com os complexos processos sócio-históricos a que pertencem. Tal fato, porém, não se dá apenas por conta do ângulo de análise e dos objetivos mobilizados no livro - que certamente possuem o mérito de iluminar os aspectos mais profundos dessas interações; mas também porque a visada materialista histórica e dialética, a qual entendemos guiar o pensamento de nosso crítico, concebe a arte, de modo geral, como esforço criativo de formalização estética dos processos reais a que, direta ou indiretamente, se liga toda forma humana de representação e apreensão da realidade concreta. Sendo assim interpretada, literatura e sociedade resguardam suas características singulares, na medida em que se relacionam. No sentido afirmado por Costa Lima (1991), portanto, a bipartição entre os elementos estéticos internos e externos, representados respectivamente pelos Candidos crítico e historiador, antes reforça do que necessariamente rejeita a ideia de uma forma literária desvinculada de todo e qualquer processo material, concreto e objetivo.

conclusão

Em Antonio Candido, longe de ser qualquer novidade, a dialética entre literatura e sociedade já havia sido identificada e amplamente debatida por Roberto Schwarz (1987, 1999a). Em “Adequação nacional e originalidade crítica” (1999a), por exemplo, com o intuito de esclarecer a peculiaridade da visada candidiana quanto à reprodução da realidade na estrutura específica do romance de Aluísio de Azevedo, o estudioso retoma em sentido de contraste algumas das mencionadas objeções de Costa Lima sobre a questão meramente descritiva dos elementos socio-históricos. Para Schwarz (1999a, pp. 45-47), a maneira como Costa Lima apartou irreconciliavelmente crítica e história, interno e externo, literatura e sociedade, aponta para uma tendência hierarquizante em que o primeiro grupo acaba prevalecendo sobre o segundo, algo que efetivamente não se realiza em Candido. Ao nosso ver, assim como Afrânio Coutinho e Haroldo de Campos, Costa Lima parece deixar escapar o fino jogo dialético da questão. Isso é, não se trata da batida celeuma entre perspectivas sociológicas ou formalistas, mas de uma leitura sofisticada que considera o valor mimético das obras em função das suas relações com a imanência dos processos humanos, sendo estes admitidos menos como elos *determinantes* e predefinidos, do que absolutamente *necessários*, quer seja para a própria composição artística, quer seja para a sua análise.

referências bibliográficas

- BASTOS, Hermenegildo. Notas sobre o conceito de redução estrutural em Antonio Candido. In: BERGAMO, Edvaldo A.; ROJAS, Juan Pedro (orgs.). *Candido & Schwarz & Alvim: A crítica literária dialética no Brasil*. São Paulo: Intermeios, 2019. pp. 13-22.
- CAMPOS, Haroldo de. *O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Mattos*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.
- CANDIDO, Antonio. Literatura, sociologia, educação. *Revista Investigações* (UFP), Pernambuco, v. 7, pp. 7-39, 1997.
- CANDIDO, Antonio. Prefácio à terceira edição. In: CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 8. ed. São Paulo: Publifolha, 2000a. pp. 1-2.
- CANDIDO, Antonio. Crítica e sociologia. In: CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 8. ed. São Paulo: Publifolha, 2000b. pp. 5-16.
- CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010a. p. 9-14.
- CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem. In: CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010b. pp. 17-48.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos 1750-1880*. 15. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2014.
- CHEPTULIN, Alexandre. *A dialética materialista: Categorias e leis da dialética*. Trad. Leda Rita Cintra Ferraz. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 2004.
- COUTINHO, Afrânio. *Conceito de literatura brasileira*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- LIMA, Luiz Costa. Concepção de história literária na *Formação*. In: LIMA, Luiz Costa. *Pensando nos trópicos* (dispersa demanda II). Rio de Janeiro: Rocco, 1991, pp. 149-166.
- LUKÁCS, Georg. *Estética I – La peculiaridad de lo estético v. 1*. Tradução: Manuel Sacristán. Barcelona; México, D.F: Ediciones Grijaldo, 1966a.
- LUKÁCS, Georg. *Estética I – La peculiaridad de lo estético v. 2. Problemas de la mimesis*. Trad. Manuel Sacristán. Barcelona; México, D.F: Ediciones Grijaldo, 1966b.
- MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. Tradução: Florestan Fernandes. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)*. Tradução: Rubens Enderle, Nélio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX, Karl. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. Trad. Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

MERQUIOR, José Guilherme. O texto como resultado: notas sobre a teoria crítica em Antonio Candido. In: LAFER, Celso (Org.). *Esboço de figura: homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1970. pp. 121-131.

OLDRINI, Guido. *Os marxistas e as artes: princípios de metodologia crítica marxista*. Trad. Mariana Andrade. Maceió: Coletivo Veredas, 2019.

SCHWARZ, Roberto. Pressupostos, salvo engano, de “Dialética da malandragem”. In: SCHWARZ, Roberto. *Que horas são? ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. pp. 129-156.

SCHWARZ, Roberto. Adequação nacional e originalidade crítica. In: SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras: ensaios*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999a. pp. 27-53.

SCHWARZ, Roberto. Os sete fôlegos de um livro. In: SCHWARZ, Roberto. *Sequências brasileiras: ensaios*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999b. pp. 54-70.

SCHWARZ, Roberto. Tira-dúvidas. In: SCHWARZ, Roberto. *Seja como for*. Entrevistas, retratos e documentos. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2019. pp. 190-222.